



Fundação Cuidar o Futuro

PRESENÇA 17

Fundação Cuidar o Futuro

NA CAPA: DESENHO DE *LOURDES CASTRO*

FEVEREIRO 1957



presença

Redacção: Av. Duque de Loulé, 90, r/c-D.

EDITADA PELA J. U. C. F.

FILIADA NA PAZ ROMANA

SUMÁRIO

Aliança

A Igreja e as realidades terrestres

A revolta de Outubro de 56

Artífices em vez de Hóspedes

Nós e o Ultramar

Os leigos e a crise do Mundo Moderno

O artista cristão na Sociedade Moderna

José Régio

Dois Notáveis Documentos

No «**Editorial**» está contida a ideia que dá unidade a este número de «Presença»: existência de duas ordens formando um todo harmonioso no homem; com «A Igreja e as realidades terrestres» e «**Artífices em vez de hóspedes**» chama-se a atenção respectivamente para o direito que assiste à Igreja de se pronunciar sobre as realidades temporais, e o dos cristãos de actuarem nas estruturas em que se inserem. «**Nós e o Ultramar**» pretende abrir perspectivas de acção no Ultramar e simultâneamente ser o testemunho de dois jovens universitários sobre uma futura actuação em África.

Com «**O artista cristão na sociedade moderna**» pretende-se saber qual a tarefa que cabe, no momento actual, ao artista cristão.

Em «**A Revolta de Outubro de 56**» procura fazer-se uma análise das causas que levaram à tragédia húngara.

ALIANÇA



Composto harmonioso de alma e corpo — barro amassado com estrelas, como alguém o definiu já — cumpre ao homem não romper um equilíbrio que ao próprio Criador aprouve realizar.

Se, porém, verificamos com impressionante frequência em nossos dias, o esquecimento, o desprezo dos valores de ordem sobrenatural, quando não, por vezes, até o objectivo premeditado e sistemático de os destruir, não é menos certo que uma igualmente errônea concepção desses mesmos valores cravou, em tempos passados, no Corpo Místico de Cristo, o punhal da heresia que o retalhou.

Basta lembrarmos que os Albigenses, por exemplo, acusaram a natureza humana de imoral, e daí inferiram a condenação do matrimónio, do trabalho manual, da noção de Pátria, dos direitos legítimos da sociedade e dos poderes constituídos; que quatro séculos mais tarde, o Jansenismo voltava a odiar no homem a sua natureza terrena, considerando indispensável, o esmagá-la. Em contrapartida, a ilusória ingenuidade de Rousseau, criando o mito do bom selvagem, prescindia da graça, e, como hoje, esquecia (voluntária ou involuntariamente, Deus o sabe) a aliança do sobrenatural com o terreno.

Mas o Evangelho não deixa lugar para dúvidas:

«Dar a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus».

Respeitai uma ordem natural que se não divorcia, porém, de uma ordem sobrenatural, antes a pressupõe como esteio, sem o qual não será possível ao homem mais do que rastejar no pó dos caminhos.

E rogando ao Pai por aqueles, que lhe haviam sido confiados, pronuncia Jesus estas palavras.

«Não peço que os tires do mundo, mas os guardes do mal».

Porque não pertencendo ao mundo, é nele, todavia, que estão inseridos, ainda que transitòriamente, por vontade de Deus.

Equilíbrio difícil, este, que Ele nos pede da valorização justa daquilo que, em nós, é Seu e é nosso.

Equilíbrio que se tornará fácil na medida em que soubermos que tudo, em nós e no mundo, pertence ao Senhor de todas as coisas.

M. ISABEL M. SOARES

A Igreja e as realidades terrestres

pelo P.^o Roque Cabral, S. J.

À tentativa tantas vezes repetida no decorrer da história de confinar a missão da Igreja às almas e aos templos, — costumeado primeiro passo no caminho do aniquilamento puro e simples —, tem esta respondido sempre com a afirmação de que, para além dos lugares e assuntos sagrados, tem ainda uma palavra a dizer sobre as realidades temporais.

Mais de uma vez o tem recordado SS. Pio XII. E, com uma assiduidade e amplidão que assombram, vêmo-lo dirigir a sua palavra orientadora aos auditórios mais variados e sobre os mais diversos assuntos.

E não, apenas, uma palavra de orientação e esclarecimento: a Igreja afirma o seu direito, não só a instruir, mas também a mandar, em campos que parecem não ter nada que ver com a religião.

Donde vem à Igreja este direito? Que é que o origina e fundamenta, onde se radica e situa? Eis o que pretendemos indicar brevemente.

Antes, porém, deixemos claramente assente que esta competência ou autoridade que à Igreja reconhecemos em assuntos «profanos», não exclui ou elimina, de modo algum, a dos outros corpos sociais e, nomeadamente, a do Estado. A própria Igreja tem sido a primeira a

afirmá-la, apontando-lhe o seu fundamento mais sólido e sagrado: a autoridade de Deus.

Baste recordar, mesmo nos alvares do Cristianismo, as palavras dos Príncipes dos Apóstolos sobre a autoridade civil — palvaras a que a sombria figura de um Nero, então detentor dessa autoridade no mundo mediterrâneo, conferem, por contraste, um singular relevo. E, mais perto de nós, as encíclicas dos últimos Papas, em especial as de Leão XIII.

Doutrina que não é, mais, afinal, do que o eco da proclamação de Cristo em Cafarnaüm: «Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus» (Mc. 12, 17).

«Dai a César o que é de César»: a parte de César está, pois, assegurada: nada, do que vamos dizer sobre a «parte» da Igreja, a virá infirmar ou diminuir.

Examinemos, agora, mais de perto, a frase de Cristo. Ela, que tão claramente afirma os direitos e competências temporais, vai-nos servir de ponto de partida no nosso intento de mostrar, porque é que a Igreja tem, também, uma palavra a dizer sobre os mesmos assuntos.

Com efeito: se bem a examinamos, a frase do Senhor não encerra aquela dis-



junção antitética perfeita que, à primeira vista, apresenta: «a César o de César, a Deus o de Deus», não é uma divisão «adequada», diriam os lógicos. E com razão. Porquê? Porque, o que se deve a César não escapa ao âmbito do que se deve a Deus. A Ele tudo se deve; e é «com todo o coração, com toda a alma, com todo o entendimento e com todas as forças» — numa palavra, com o homem *todo*, e não só com parte — que o mesmo texto sagrado, uns versículos mais abaixo, nos diz que devemos amar a Deus.

Deus é o sentido fundamental, o fim último de todos os seres, o foco inicial e último, para o qual todas as dimensões devem convergir. Alfa e Omega. Sem suprimir os fins e ordens intermédios, que Ele mesmo estabeleceu, supera-os e assume-os transcendentalmente, tudo fazendo convergir para o centro essencial: Ele.

E aqui se situa a Igreja: investida por Deus na competência única e exclusiva de quanto diz respeito ao fim último e sobrenatural dos homens, participa ela da universal amplidão transcendente deste.

É ela que leva os homens ao seu fim último, Deus — «não pode ter Deus por Pai quem não tem por Mãe a Igreja» (S. Cipriano) — e, por isso, todos os gestos humanos entram, pela sua dimensão moral, na esfera da competência da Igreja.

Encaramos o mesmo, deste outro ponto de vista: as tarefas terrenas não são o fim último da existência humana. Daí, que não possam ter a última palavra, que não sejam totalmente autónomas e «independentes» já que, superior a elas, não as suprimindo, mas subordinando-as e assumindo-as, está a tarefa do homem: caminhar para Deus. Ora, «ninguém» vem ao Pai senão por Mim». E já sabemos que o Cristo Total é a Igreja, Cabeça e membros.

«Ninguém vem ao Pai senão por Mim»:

transpondo em termos mais especificamente cristãos o que acabamos de expor deparam-se-nos as grandiosas perspectivas, em que se situa o ponto que estudamos.

A presença da Igreja nas realidades e tarefas terrenas, é um aspecto apenas das dimensões cósmicas do mistério da Incarnação, a que S. Paulo nos habituou, sobretudo nas suas cartas aos fiéis de Colossos, Éfeso e Roma. No centro, os designios de Deus, Jesus Cristo, o Primogénito de toda a criatura, em quem habita toda a plenitude, em quem o Pai tudo quis recapitular.

«Tudo atrairei a mim» — nada se subtrai a esta relação e laço fundamental, a Cristo. E, por isso, não há realidade alguma que seja puramente «profana». O universo é todo «cristão».

«Tudo é vosso, vós sois de Cristo, Cristo é de Deus».

A Igreja participa desta posição-chave de Cristo, já que, mais uma vez, ela e Cristo estão indissolúvel e intimamente unidos: «l'Église et le Christ, c'est tout un»; na magnífica simplicidade da resposta da Donzela de Orleans aos que a interrogavam. Consequência: a Igreja estenda a sua presença a todos os domínios da realidade. Ainda nisso, é *católica*.

Restaria, agora, formular, com mais precisão, a forma concreta desta presença temporal da Igreja, revelar a sua influência benéfica para a cidade terrestre e, sobretudo, apontar o sentido grandioso que esta doutrina dá às nossas tarefas humanas.

Mas seria passar além do que nos propúnhamos nestas linhas.

Terminamos, pois, com palavras de Ss. Pio XII, na recente Mensagem de Natal, e que resumem o essencial de quanto quisemos dizer:

«Deus não é nunca neutral, com relação aos acontecimentos humanos, nem perante o curso da história — e por isso, também, a Igreja o não pode ser».



Como revista que se destina ao meio universitário católico em geral, a Presença visa preencher os seguintes objectivos fundamentais :

- divulgar e estruturar no meio um pensamento católico sólidamente esclarecido e vital para o mundo de hoje.
- despertar uma consciência mais viva dos valores que o nosso tempo confronta, irradiando uma cultura autêntica ao nível universitário.
- ir ao encontro dos interesses e preocupações reais do meio, simultaneamente abrindo perspectivas de acção actual como futura nos domínios em que, como universitários católicos, temos sem dúvida um testemunho de presença a dar.

É visando estes objectivos que surge o presente número da revista, que só pretende ser a resposta cada vez mais completa e vibrante às necessidades dos Universitários Católicos e instrumento cada vez mais aperfeiçoado da sua valorização integral.

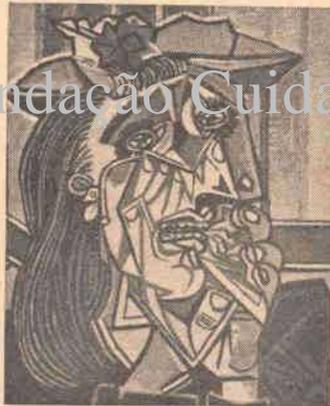
a revolta de outubro de 56

Passados poucos meses da ocorrência dum facto é difícil historiá-lo. É mais difícil ainda quando escasseiam as fontes de informação. Por isto, todas as ideias à volta dos acontecimentos dos últimos meses na Hungria estão necessariamente informados dum coeficiente de erro que a boa vontade não pode eliminar.

A Hungria, tal como os outros países satélites da União Soviética foi objecto duma acção política intensa. Tal acção a cargo do partido comunista Húngaro foi dirigida pelo pensamento que ao longo destes últimos anos vigorou sucessivamente na Rússia, e não só pelo pensamento mas por interesses e pessoas estritamente ligadas à União, desde altos postos do exército ocupados por oficiais russos até ao contrato para exploração dos jazigos de urânio na região de Pecs. Tal intervenção, nem sempre bem aceite, levou a afirmar-se que «a dominação comunista na Europa Oriental, apóia-se mais na força militar do que na estruturação dos partidos comunistas nacionais».

Se dos acontecimentos dos últimos dias de Outubro não são

alheios certos interesses partidários, não podemos deixar de vislumbrar a relação deles com a luta surda, obscura, não raro sem incidentes particulares, luta que se definia à medida que o vigorar do sistema obrigava a uma maior exigência de fiscalização e policiamento.



O mal estar era geral, desde os camponeses aos operários, dos intelectuais aos jovens que se sentiam mistificados pela incoerência das realizações práticas da doutrina.

Os intelectuais deixavam-se penetrar por uma sede muito grande de verdade; e, se por

volta de 1953 ainda saíam do país temendo represálias, a pouco e pouco, foram perdendo o medo de se manifestarem e de se reunirem. Cito o exemplo do círculo Petofi, que maior acção de conjunto teve, na linha de tradição da revolta dos «guarda-chuvas» ocorrida em 1848 e dos «crisântemos» em 1918.

Foi Jánosy, investigador atómico chegado da Inglaterra, havia pouco tempo, que numa reunião do círculo denunciou a retenção descoberta de Urânio na região de Pecs e o contrato secreto para a sua exploração feito entre o governo da Hungria e o da U.R.S.S. Jánosy, acusou o governo de ter traído os interesses do povo que tão mentirosamente defendia, e afirmou que ele próprio soubera de tal contrato por «jornais estrangeiros e pelas indicações da policia».

A noticia em breve se divulgou, chegando aos operários da região de Pecs que inutilizaram a exploração das minas por alguns anos.

Segundo François Fejto, foi esta a causa próxima da revolta, a que tão penosamente assistimos.

Para além desta causa próxi-



ma, algumas causas remotas me foi possível recolher dos poucos documentos existentes e ao meu alcance.

Entre elas deve contar-se o fracasso do plano de industrialização, do plano de planificação agrícola, do plano cultural a realizar por escolas e Universidades.

Cada um destes planos além dos erros-básicos, que muitos autores já demonstraram, possuíam falta de sentido da realidade social, a que se destinavam, pois decalcados dos planos feitos para a União Soviética, não previam inclusivamente o tempo em que uns foram aplicados e o tempo a que outros se destinavam. Não previam a correcção que 30 anos de experiência tinham introduzido no mito da planificação total.

Os planos referentes à Indústria preconizavam grande desenvolvimento da indústria pesada

e da produção de armamentos.

O ritmo das realizações para a efectivação do plano era desadaptado das possibilidades nacionais, o que levou a uma situação nada diferente das situações criadas nos países capitalistas: a afluência dos camponeses aos grandes centros industriais, a crise alimentar e habitacional, as dificuldades surgidas no interior das fábricas, devido a má preparação técnica e directrizes dos superiores, a criação de problemas de ordem económica, tais como diminuição do volume de produção, má qualidade dos produtos, etc.(1)

Além de tudo isto, o clima de propaganda política, em que a actividade económica se movimentava, e a certeza de que, em primeiro lugar, eram colocados, não os interesses nacionais mas os interesses soviéticos, e os quais os dirigentes da Economia Húngara estavam de-

votadas de corpo e alma, nomeadamente Gero e Berei, criou o mal estar e fomentou, a pouco e pouco, a revolta.

Se no campo da indústria alguns dirigentes se aperceberam do mau caminho percorrido, quando se faziam ouvir eram afastados como importunos, inimigos dos interesses do povo, fatores do jogo capitalista.

Entre eles Zoltan Vas, de posto das suas funções de chefe da Planificação, por ter presenciado os erros duma política industrial centrada no desenvolvimento da indústria pesada.

Erros como este, só foi possível reconhecê-los depois da morte de Estaline.

No domínio da exploração agrícola as experiências não resultaram mais fecundas. Esta, necessitava de revisão inteligente, no sentido de activar a produção, introduzindo novas téc-

(1) Nos últimos meses de 1951, depois de montada a máquina fabril os dirigentes depararam com uma crise de mão de obra e procuraram medidas para a atenuar. Entre outras destacamos:

- transferência de operários de indústrias não essenciais e de funcionários de lugares administrativos superlotados para indústrias-chaves, nomeadamente minas e metalurgia.
- mobilização da mão de obra feminina, sendo integradas na indústria 300.000 operárias.
- recrutamento nos campos de jovens, mulheres e homens. A chegada destes operários novos, inexperientes, criou problemas tremendos de aprendizagem, baixo rendimento, salários adequados.

A não solução certa e a tempo dos problemas criados levou a um descontentamento geral, perturbador da ordem, estado que se agravava à medida que operários, reconhecendo serem indispensáveis, se tornavam mais exigentes.

Em relação à empresa, outras dificuldades podemos apontar:

- métodos de trabalho novos e a aplicação de máquinas, de início, levaram a uma baixa de rendimento. Mas, como as empresas estavam obrigadas a certo volume de produção, a qualidade foi sacrificada à quantidade, e os mercados, descontentes, devolveram, por vezes, as mercadorias.
- Directores, improvisados e inexperientes, escolhidos entre aqueles que melhores serviços prestavam ao partido, acusavam preparação técnica deficiente.

— A multiplicação dos órgãos de Governo, com dirigentes, que mudavam com frequência, levaram a emitir, a cada momento, ordens por vezes contraditórias.

— Os sindicatos operários, regulados por um Estatuto de 1950, decalcado dos moldes soviéticos, que não foi aceite com agrado pelos chefes sindicalistas, perderam, a pouco e pouco, a influência nas fábricas: diminuindo de número, diminuíram igualmente, os participantes nas reuniões.

A luta, lado a lado de operários e intelectuais, quando da revolta de Outubro, não se deu por acaso, pois vinha definindo-se no longo dos anos próximos passados. Cito o caso da jornalista Judith Mariany, da «Gazeta de Letras» de Budapeste, que se fez porta voz do descontentamento operário crescente à sua volta. Num dos artigos censurou o modo excessivo como alguns camaradas altamente colocados se preocupavam com a sua segurança e bem estar.

Contra a acusação feita pelo Governo de estar a fazer o jogo do inimigo, recebeu grande número de cartas e telefonemas de aplauso e apoio.

nicas de cultura, utilizando máquinas, aplicando apropriadamente fertilizantes. Mesmo já antes da guerra, uma reforma agrária era solicitada por alguns partidos do campo.

Tal reforma apareceu em 1945, mas orientada para uma futura planificação, dado que os postos directivos da Economia estavam ocupados, na altura, por entidades comunistas.

Passados poucos anos da entrada em vigor da Reforma agrária, técnicos e dirigentes comunistas, levados pelo desejo de apressar a assimilação dos países do Leste Europeu à União, prepararam o terreno para a dita Planificação Agrária. No seu pensamento, não se coadunava a existência duma agricultura individual e duma indústria nacionalizada.

Entre as medidas tomadas, duas avultam: uma revolucionária, fomentando a luta de classes entre os rurais, lançando os camponeses contra os proprietários, ao mesmo tempo que estes eram perseguidos e presos sobre pretextos variados sendo-lhes confiscados os bens. Por outro lado e um pouco mais tarde, a organização de cooperativas agrícolas, de quintas do Estado e de postos agrários fornecedores de máquinas às cooperativas e propriedades do Estado.

Se, por um lado, a criação das cooperativas, não deu os resultados esperados, a tática

revolucionária veio trazer a confusão aos espíritos, provocando, no campo, uma efervescência que, sem ser organizada, sem se manifestar por actos de protesto espectaculares, não raro explodiu em incidentes particulares, vindo reflectir-se na produção e na vitalidade das vilas e pequenas cidades.

As cooperativas, possuidoras de estatutos próprios, davam direito de sucessão das posições adquiridas e direito a um benefício proporcional ao contributo prestado. Mas, como os antigos proprietários puderam ficar com suas casas, com 2 a 5 ha de terreno em regime de propriedade privada, cedo os seus esforços recaíram nos seus hectares, juntamente com os esforços de toda a família (1).

As cooperativas ressentiram-se do pouco interesse demonstrado pelos rurais e as restantes organizações colectivas pouco resultaram, nomeadamente os estábulos, em que os proprietários dos gados preferiram abater os animais, que possuíam, a entregá-los aos cuidados comuns.

Os dirigentes, em breve, reduziram as parcelas de propriedade e criaram um sistema de controle e de propaganda política a favor das cooperativas.

As avarias das máquinas agrícolas espalhadas pelas estações agronómicas, a má organização do trabalho, a falta de braços, pois grande parte da população

tinha emigrado para as cidades, fez que na colheita de 1951 muitos produtos se perdessem.

Os insucessos da experiência agrária foram registados por jornalistas e homens de letras, alguns deles provenientes dos meios rurais que nunca perderam o contacto com a sua família e o seu meio. Podemos afirmar que no campo existia uma cultura, com a sua nobreza própria, bafejada pela Igreja que, desde o primeiro instante, se recusou a pactuar com os comunistas.

Os jovens camponeses vindos para a cidade frequentar escolas e Universidades foram veículos do intercâmbio dos descontentamentos, pois a vida escolar, desde programas a mestres, estava informada, pela necessidade de propaganda soviética, não correspondendo, de nhum modo, às exigências da cultura tradicional.

A política de sovietação acelerada, posta em prática durante os anos decorridos entre 1948 e 1953, foi modificada por Nagy que sucedeu a Rákosi, alguns meses depois dos levantamentos de Berlim e da queda de Béria. O intento do novo presidente de conselho foi fundamentalmente restabelecer o contacto entre a engrenagem comunista e as massas, nomeadamente as massas agrárias, e atenuar a crise social a que tal política tinha conduzido. O seu plano de destalinização não con-

(1) Em Agosto de 1951, todas as terras em poder da Igreja, depois da reforma agrária de 1945, foram transferidas para o Estado, ficando os párocos, para seu uso pessoal, com a superfície de terra igual a 75 metros quadrados.

duziu a alterações substanciais, devido fundamentalmente à falta de unidade de pontos de vista dos restantes membros do Governo.

Quando, em Abril de 55, foi afastado, algum sinal da sua acção deixou impresso na mentalidade dos húngaros, pois, nos

dias sangrentos de Outubro, a promessa da sua presença ainda tinha um valor simbólico suficiente para atenuar a violência. Porque todos duvidaram da sinceridade das promessas feitas pela rádio, referentes à sua ida para o poder, não foi possível cancelar a meio o programa da

revolta.

Nós que sofremos com os húngaros os terríveis dias passados, roguemos a Deus que a verdade se imponha, sem que para tal, sejam necessárias tragédias semelhantes.

R. C. O.

*L' Europe est calme, elle est à nouveau calme,
Ses révolutions sont éteintes;
Honte sur elle, car son silence
N'est pas le le triomphe de la liberté.*

*Ils ont abandonné le Hongrois
Ces peuples lâches:
Les chaînes tintent sur toutes les mains,
seule celle du Hongrois tient le sabre.*

*Faut-il désespérer?
S' attrister?
Au contraire, ma patrie,
Aie courage.*

*Que nos âmes soient fières
De représenter la lumière
Quand tous dorment
Dans la nuit sombre.
Si notre lumière ne brillait pas
Dans la nuit infinie,
Ils pourraient croire en haut dans les cieux
Que le monde pourrit.*

*Regarde-nous, regarde-nous, ô liberté!
Reconnais ton peuple!
Alors que les autres ne donnent même pas leurs larmes
Nous sacrifions notre sang.*

*Faut-il encore plus
Pour récolter ta bénédiction?
Dans cette époque infidèle,
Nous sommes les derniers fidèles.*

ALEXANDRE PETOFI, 1848.

Alexandre Petofi, poeta lírico húngaro, que viveu entre 1803 e 1848. As crianças húngaras sabem de cor alguns dos seus poemas.

Em 1848, nos jardins dum Museu de Budapeste, levantou a indignação do povo contra a Dieta de Pressbourg. Os camponeses que, naquele dia de feira, tinham ido ao mercado dispersaram-se pelas ruas, devido à chuva. Mas, em breve, acorreram em massa à notícia de que um poeta falava para estudantes. Foi o início da revolta, que ficou conhecida com o nome de «revolta dos guarda-chuva».

Morreu no campo de batalha de Segesvár, na Transsylvania, lutando contra os invasores russos. A sua vida e morte tornaram-se o símbolo da independência nacional.

«La plus grande faute des chrétiens do XX^{ème} siècle, celle que leurs descendants ne leur pardonneraient pas, ce serait de laisser le monde s'unifier sans eux, sans Dieu ou contre Lui; ce serait de se satisfaire, pour leur apostolat, de recettes et de procédés».

Cardeal Suhard — Essort ou Déclin de L'Église



Artífices em vez de Hóspedes

Antes do século XIX, não se encontram no magistério da Igreja referências ao dever que as católicas têm de se interessar pelos problemas temporais. A omissão é rica de significado; basta saber que a Igreja, as mais das vezes, só se pronuncia à cerca de situações concretas, conflitos realmente existentes. Quando se torna necessário ou conveniente, à comunidade cristã, o esclarecimento de uma questão, é, então, que a Igreja o dá.

Em relação à presença dos católicos nas estruturas temporais, durante muitos séculos, não existiu motivo para que a Igreja definisse orientações, o que aliás está intimamente relacionado com a intensa vida cristã das comunidades medievais e com o facto de as estruturas sociais de então se inspirarem grandemente, nos princípios cristãos.

Só, com o advento do ateísmo, surge o problema. O desejo de afastar os católicos das questões temporais é bem a aspição de uma filosofia que nega Deus

e O quer afastar da sociedade dos homens, para O poder afastar mais facilmente do seu coração. O laicismo, proclamando a separação dos domínios temporal e sobrenatural e defendendo simultaneamente uma dupla atitude do cristão, como homem na sociedade dos homens, como crente no cumprimento dos seus deveres religiosos, traz o ferrete do ateísmo e acusa uma sociedade já profundamente afastada dos princípios cristãos e, ao mesmo tempo, evidencia uma vida cristã amolecida, se não decadente.

A Igreja, porém, pela voz de Leão XIII exprimiu, em termos bem claros, a condenação desta doutrina: «É grande erro e de gravíssimas consequências excluir a Igreja, obra de Deus, da vida social, das leis, da educação da juventude, da família.».

E Pio XI alegra-se por ver, nos movimentos da Acção Católica nascente, uma força a opor ao laicismo, ao qual chama a «horrrível praga do nosso século».

Mas: que razões justificam que os católicos devam intervir nas questões temporais?

As estruturas sociais condicionam a vida cristã

Uma primeira razão vou buscá-la a um dado de experiência. É que as estruturas sociais não são indiferentes para a realização da mensagem cristã. Ainda num inquérito recente, se chegava à conclusão de que as personalidades fortes eram influenciadas pelo meio, entre 60 a 80 %; a massa, por sua vez, recebe uma influência calculada entre 90 a 99 %. Cada um de nós pode, por seu turno, comprovar, com a sua experiência pessoal, quanto as estruturas são importantes para o comportamento dos indivíduos.

Se é certo que a salvação não depende dos condicionalismos temporais — dá Deus, a todo o homem, possibilidade para se salvar —, o nosso conhecimento da realidade mostra como os institutos favorecem ou impedem a vida cristã. A Igreja tem assistido, com dor, à paganição de certas classes sociais, designadamente do proletariado e dos grandes aglomerados urbanos, cuja causa principal se tem de atribuir á falta de condições humanas básicas ao desabrochamento da vida cristã.

O cristianismo não é, apenas, uma mensagem de salvação: é fundamentalmente, também, e para isso, uma doutrina de vida. Como tal, não abdica da natureza humana, antes se propõe construir sobre ela o Homem Novo. Daí, que a existência de povos, em condições de vida sub-humanas, seja motivo de séria preocupação para a Igreja e constitua os católicos no dever de lutarem para que a todos os povos seja garantido um mínimo de condições necessárias á vida humana. O cristão, ao interessar-se pelo bom ordenamento da vida temporal, fá-lo com o

intuito de tornar mais próximo o reino de Deus, para a edificação do qual tem de actuar em palavras e obras. «Venha a nós o vosso reino», dizemos no Pai Nosso. O cristão, que não sofra a angústia do tempo da vinda do reino, ainda não entendeu, totalmente, o sentido escatológico da Mensagem de Cristo. A vinda do reino!

Não se trata de edificar um paraíso na terra — deixe-se esse sonho aos Proudhons, aos Fourriers e aos Marx.

Sem esquecer a distância imensa que, necessariamente, existirá entre a cidade de Deus e a cidade dos homens, o cristão empenha-se em reduzir essa distância, introduzindo sucessivas melhorias nas estruturas da sociedade, em que vive.

Sociedades em pecado

Outro motivo têm ainda, os católicos, para intervir no ordenamento da sociedade. É que existem estruturas que são, manifestamente, contrárias aos princípios cristãos e constituem em pecado as sociedades que sobre elles se constroem.

Estão, neste caso, todas as que negam a dignidade da pessoa, a sua liberdade justa de pensamento, de expressão, de associação; o direito á propriedade privada, á educação dos filhos, ao casamento livre, etc. Também, em relação a elas, o cristão tem o dever de actuar, para as suprimir. E não só, quando atingem uma forma acabada, mas durante todo o processo evolutivo que normalmente as precede. A presença do cristão no temporal não pode, por isso, ser simplesmente accidental; deve ser continuada e vigilante. Cumpre-lhe estar, ele mesmo, na vanguarda do pensamento, que prepara as instituições futuras.

O impulso da Caridade

As razões apontadas, relacionadas com a repercussão da sociedade sobre o com-

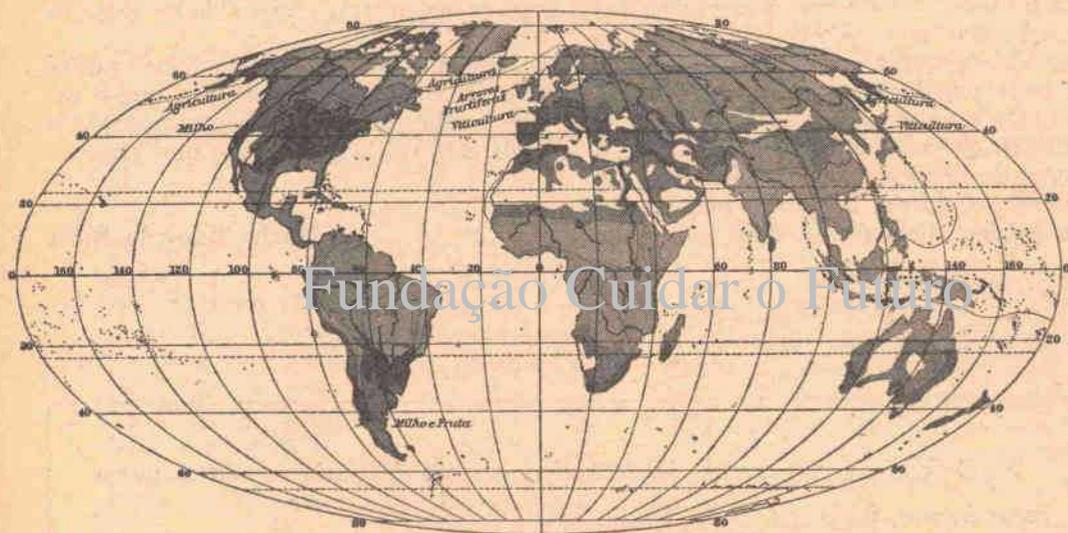
portamento moral e espiritual dos indivíduos, não são as únicas que explicam e exigem a presença dos católicos no domínio temporal. Também a plena realização da vocação cristã conduz ao interesse pelos problemas económicos, políticos e sociais. Chamado a participar na Comunhão com Deus, é-o, também, à participação com os outros homens. Cada um não está só diante de Deus, mas com toda a Humanidade. Como diz Yves de Montcheuil, «Deus não pode, por assim dizer, ser possuído por cada um por sua própria conta, mas em comum com os outros». Ora esta comunhão universal que será perfeitamente realizada — e só,

tem-no, porque ama aquele que vai beneficiar da sua acção e porque projecta o bem a realizar numa dimensão de eternidade.

Particular exigência da sociedade contemporânea

Até agora, só aduzi razões tiradas dos princípios, válidas portanto em todos os tempos. Mas existem condições de momento, que tornam mais imperiosa, ainda, a presença dos católicos no mundo de hoje.

Quem quer que reflita sobre as condições da vida do homem contemporâneo



então, o será — na Eternidade, prepara-se e inicia-se, desde já. É através do exercício do amor entre cada homem e o seu próximo que se começa a viver a Comunhão Universal; é, também, criando condições propícias, a que ele se propague e intensifique.

O maior impulso, que um homem pode ter para se lançar na acção, tem-no o cristão, de uma maneira vivíssima. E

sobre os mecanismos que lhe moldam o pensamento, sobre as instituições que o atrofiam, dá-se conta de que um vício de origem existe, no ordenamento da sociedade hodierna.

A par de um surto formidável no domínio das técnicas, que favorece um certo orgulho, a humilhação que vem dos sucessivos malogros nas relações entre os grupos sociais ou entre as nações. Ainda

na última mensagem do Natal, Pio XII recordava, com mágoa, «a penosa contradição que gravita sobre o mundo moderno» e, referindo-se à atitude do católico, afirmava que, «embora ele se encontre na posse feliz de todos os elementos aptos a dominar no interior, não poderia nem deveria eximir-se a contribuir para a resolver, também, exteriormente».

A situação presente é um apelo incisivo à Caridade. Nunca, como agora, o homem dispôs de reservas tão poderosas — sabe debelar a doença e evitá-la, descobriu novos processos de fabrico, novos bens, novas formas de energia; penetrou no conhecimento do ser humano, apreendeu-lhe os talentos e as taras e sabe estimular uns e corrigir as outras. E o irmão, que possui todas estas potencialidades, como pode deixar que o seu irmão tenha fome (2/3 da população do mundo é sub-alimentada e todos os dias morrem de fome milhões de seres humanos, continui à mercê da doença e morte prematura (o indiano, o chinês, o egípcio não vivem, em média, mais de 30 anos enquanto,

nos países evoluídos, o número médio de anos de vida ultrapassa os 60), na ignorância (há no mundo milhões de analfabetos; o rádio, o telefone e o jornal são, para grande parte da população, bens de luxo, senão totalmente ignorados). O cristão que não vive intensamente este drama, o cristão que não sofre diante da sua possibilidade e não possibilidade já deixou abafar no seu coração o grito de caridade.

A Caridade, que é dom, não pode aquietar-se diante das carências do outro: «Se vires o teu irmão em necessidade, dá-lhe do que te pertence». E *dar*, significa também, dar tempo, inteligência, esforço, para que as instituições sejam mais justas e menos dispares as desigualdades entre os homens.

Razões tiradas dos princípios, razões reforçadas pelos factos exigem que o católico seja, cada vez, menos *hóspede* e mais *artífice* do mundo em que vive.

Maria Manuela Silva

Fundação Cuidar o Futuro

«Poderei ser um grande intelectual, um sábio de génio, se não amar os meus irmãos, nada sou.

Poderei ser um advogado hábil, um padre inteligente, um engenheiro experimentado, um chefe de empresa notável ou um chefe de Estado adulado, se eu não consagrar todas as minhas forças e o poder do meu talento ao serviço dos homens, meus irmãos, eu nada sou, de nada valho.

NÓS E O ULTRAMAR

A Seara é grande

Era uma vez um chefe de posto a quem a mulher adoeceu. Na região, não havia um único branco e o médico mais próximo estava a mais de 600 Kms. Ele tratou-a conforme pôde; mas a pobre não resistiu à doença — ou ao tratamento — e morreu.

Foi o marido quem, por suas próprias mãos, a enterrou e lhe fez o caixão — *com as tábuas da porta do posto!*...

Isto passou-se à cerca de 20 anos, em Angola. Hoje, a situação é bastante melhor. Mesmo assim, regiões há como as chamadas «Terras do fim do mundo», a SE de Angola, que ocupam uma extensão de 150.000 Km², em que vivem, apenas, cerca de 10 brancos: alguns chefes administrativos, um ou outro comerciante, um médico e dois missionários — isto, numa zona muito maior que Portugal Continental inteiro!...

Noutros pontos, a terra, o café, o minério, agora o petróleo, tiveram o mérito de atrair colonos às regiões do interior — mesmo assim, muito fracamente povoadas. Apenas ao longo da costa, nos planaltos e numa ou noutra zona privilegiada, as populações se concentram e as cidades crescem vertiginosamente.

Os missionários, por outro lado, são em número reduzidíssimo e estão, por isso mesmo, muito longe de correspon-

der às necessidades do meio. As poucas vocações, que surgem, são gotas de água nessas enormes extensões.

«A Seara é grande e poucos os operários»... mais uma vez, e tão tristemente, vemos confirmada a frase do Senhor. Fechado sobre si mesmo, o coração de África parece alheado do mundo que se esqueceu dela; hoje, como há vinte séculos, ela parece ignorar que «o Verbo se fez carne e habitou entre nós».

Eu não vim para os justos

E o cristão leigo, que tem ele feito? E a Acção Católica?

Com raras e honrosas excepções, até mesmo os mais responsáveis não marcam presença. Os europeus, não só não evangelizam como ainda, por vezes, dão motivo a verdadeiros escândalos, desacreditando por completo a palavra dos missionários.

A vida de sociedade é artificial, vazia de sentido. Criou-se uma mentalidade fútil, em que os chás, os wiskeys e o espírito de intriga lançaram já fundas raízes — clima, alás, muito próprio dos meios pequenos.

São poucos, os que vão com intenção de se fixar; a maioria vai com os olhos postos no regresso, seduzida pela imagem do «africanista» ricoço.

E a sociedade negra? O panorama não é muito melhor. É tempo de por-mos de parte a ideia do bom pretinho

explorado e escravizado pelo branco mauzão, e repormos as coisas no seu devido pé. Se é certo que, ainda hoje, há quem «venda» pretos aos contratadores, quem entenda que o indígena só se educa à pancada, usando e abusando, para isso, da palmatória e até do cavalo-marinho, o facto é que, também, há populações inteiras cujos usos e costumes são simplesmente abomineáveis: certos ritos nojentos, como os das festas da puberdade e da circuncisão, a cuja dureza muitos jovens não resistem e morrem; a tremenda ignorância de práticas de medicina e higiene, que determina consequências terríveis, de que a taxa de mortalidade infantil é um índice suficientemente claro; certos costumes como a poligamia, como a falta de importância atribuída à infidelidade dos cônjuges — qualquer indemnização, como um par de bois, resolve o assunto, ficando todos amigos como dantes...; as concepções mágico-feiticistas, que dominam quase toda a vida do negro; os conceitos de trabalho e propriedade, totalmente diversos dos nossos, etc. — dificultam a evangelização duma forma que não é fácil imaginar.

O contacto dos colonos com os indígenas, arrasta, também, muitíssimos problemas — talvez, até, os mais graves — dando lugar à criação de preconceitos raciais e de gente revoltada, em lugar de civilizada. Não há, felizmente, nas nossas províncias ultramarinas, a barreira de côr típica da política oficial da União Sul Africana; no entanto, o perigo subsiste e ameaça alastrar, cada vez mais: qualquer indivíduo, que vai daqui, mesmo o mais bruto dos analfabetos, se julga superior aos naturais de lá, só porque a sua pele é diferente. Ainda, há dias, nos contaram o caso de uns operários brancos, a quem um negro escrevia as cartas para as respectivas famílias,

visto eles serem incapazes de o fazer, e que, não obstante, aproveitaram logo a primeira oportunidade para lhe fazer sentir a sua «superioridade racial». A isso, o preto respondeu devolvendo-lhes a caneta e papel:

— Escrevam, então, vocês... com a pele...

Há os destribalizados, negros meio-selvagens meio-civilizados, que vivem em bairros junto das grandes cidades — em Luanda, os Muceques têm cerca de 90.000 destes indígenas; libertos já das concepções morais e religiosas tradicionais, mas sem outras que as substituam, sem assistência material e moral adequada, estes aglomerados constituem um perigo para a segurança dos colonos e dos próprios indígenas.

É todo o somatório de problemas que, vistos em toda a sua crueza, quase nos impedem de prosseguir. Dão-nos força, as palavras do Mestre: «Eu não vim para os justos, mas para os pecadores»...

À tua palavra ...

Falámos de África. Vamos, agora, falar de nós — e de vocês também. De nós, há pouco que dizer: somos como todos os casais que cão daqui, dispostos a viver no mato, num Posto Administrativo, cheios de ideias de civilizar, de construir, de fazer coisas. Mas queremos algo de mais importante do que isso: queremos «ir e ensinar» àqueles povos uma Verdade que transcende todas as outras, uma Vida que é a única civilização. Queremos ensinar-lhes o Caminho, atirar a semente às mãos cheias, a pretos e brancos e amarelos. Queremos pôr a render, nessa sociedade adormecida, todos os talentos que levamos connosco. E, se isto é mais fácil de dizer do que de realizar, se existe o perigo, que tantas vezes nos lembram, de nos adaptar-

mos, de cruzarmos os braços e «pensarmos como vivemos», nem por isso nos sentimos tentados a desistir; e não desistimos nem receamos, porque não vamos sòzinhos: para combater a indiferença ou a oposição do meio, levamos gravada no coração a imagem d'Aquele que foi e será, sempre, um escândalo para o mundo, um sinal de contradição. Ele nos guiará os passos e ditará as acções, se O soubermos viver como queremos.

E ainda... não! Vamos parar, pois nunca mais acabávamos de vos contar os nossos sonhos, os planos que todos os dias retocamos e modificamos. É a vossa vez, agora: é a vez de todos — futuros médicos, engenheiros, arquitectos, todos! — se interrogarem sobre as suas possibilidades. O Ultramar precisa de muitos, mas nem todos poderão ir. É edificante o exemplo desses jovens casais, quase todos saídos da J.U.C. e da J.U.C.F. que, há bem pouco tempo, partiram para a África, deixando os empregos que já tinham, apenas para dar testemunho da Luz!

Outros, tão reflectidamente como eles, resolveram ficar, por reconhecerem ser mais útil, aqui, a sua função.

A seriedade, com que estes e outros encaram o problema da evangelização do Além-Mar, é um apelo à nossa consciência de universitários. Hoje mesmo, podemos começar: estudando, divulgando, fazendo compreender aos outros a urgência desta missão, que pesa sobre todos. Aos que não possam ir, resta, ainda, uma incumbência que não é a menor: a oração pela comunidade africana.

Não vamos, aqui, salientar a importância que poderá ter a nossa acção quer como profissionais, quer como fermento; cada um, em sua consciência, o descobrirá.

Que todos, os que sentem, em si, um apelo para esta louca aventura, possam dizer, agora e lá, sempre, com São Pedro: «A tua palavra, Senhor, lançarei as minhas redes»...

Ercília Múia e António Carmo



Seminário Africano

Já há bastante tempo, se vem anunciando, no plano das actividades da Pax Romana, o Seminário Africano, isto é, o encontro de dirigentes universitários católicos africanos, que se realizará em Accre, Costa do Ouro, em Dezembro deste ano.

Nunca será demais falar-se na importância que este encontro reveste. Dele poderá depender o rumo, o caminho que o Continente Africano seguirá, ao acordar da adolescência para entrar na idade madura. Para a sua emancipação, serão precisos verdadeiros chefes, universitários competentes. Será nesse estudo em conjunto, nesse aceitar de ideias, nessa troca de experiências, que os universitários católicos africanos se enriquecerão e se tornarão conscientes do papel que lhes cabe.

Os leigos na crise do Mundo Moderno

— Responsabilidades e formação —

Um Congresso como o que se vai realizar, de 5 a 13 do próximo mês de Outubro, em Roma, não nos pode deixar indiferentes, pois que somos nós, cristãos leigos, e o problema da nossa missão no mundo de hoje, que estão soberanamente em causa.

E, se a esta «presença» no Congresso nos obriga por um lado, a não ignorarmos como este problema tem constituído, em especial nos últimos tempos, uma das grandes preocupações da Santa Igreja, obriga-nos ainda o facto de, talvez, em nós próprios e nas comunidades de que fazemos parte, não termos sabido, até agora, definir, com precisão o âmbito da nossa colaboração activa na vida da Igreja, e não termos, consequentemente, correspondido, com um testemunho de vida cristã autêntica, à exigência que a cada um de nós se põe, de contribuir para a vitalidade apostólica de todo o Corpo Místico.

É por isso que os leigos católicos preocupados com a missão que lhes advém da sua vocação apostólica, se vão debruçar sobre esses problemas, na busca de formas de acção cristianizadora mais próprias e adaptadas às exigências crescentes da vida, na hora presente.

O tema escolhido foi: «Os leigos na crise do mundo moderno: responsabilidade e formação». A escolha, aliás, não

foi difícil, pois pareceu, desde logo, ao Comité Permanente, criado em Janeiro de 1952, que «as condições *sine qua non* de toda a acção eficaz dos leigos no mundo de hoje e de amanhã são, com efeito, *uma tomada de consciência por parte dos próprios leigos das suas responsabilidades imediatas e do pôr em acção progressivo de todos os meios de educação cristã para formar gerações de católicos profundamente conscientes do seu dever de apostolado e espiritualmente aptos a cumpri-lo*».

O tema do Congresso desenvolvido em conferências sobre temas de fundo de carácter doutrinal e reuniões mais pequenas por comissões de estudo, será o seguinte:

- I *A Missão da Igreja: o mistério da Igreja e a sua missão.*
- II *A expectativa do mundo de hoje: a situação do mundo actual face à obra apostólica da Igreja: as resistências que se opõem, actualmente, à evangelização; a acção do Evangelho no mundo de hoje.*
- III *A missão dos leigos*
 - a) a vocação apostólica do laicado: sua essência.
 - b) a vocação apostólica do laicado: as suas diferentes formas concretas.

IV *As responsabilidades actuais dos leigos:*

- em África — na Ásia — na América Latina
- na América do Norte — na Austrália
- na Oceania — na Europa — à escala mundial

V *A formação de base no apostolado dos leigos:*

- o crescimento da vida cristã nos leigos de hoje
- os *grandes meios educadores*: o seu papel na formação de base para o apostolado dos leigos.
— a família.

— a escola e os agrupamentos educativos da juventude.

— a comunidade paroquial.

c) o papel formativo dos Movimentos de Apostolado.

Para já, e quer vamos ou não a Roma, uma preparação podemos fazer: consciencializar a nossa vocação apostólica como leigos, repensar nas possibilidades actuais concretas de responder com fidelidade e amor a essa vocação e... lutar por ser presença mais viva da Igreja viva, que é, também, cada um de nós.



Fundação Cuidar o Futuro

Sabia que:

- *Em Portugal, já foi constituída a Comissão Nacional preparatória do Congresso.*
- *Vão realizar-se inquéritos acerca das responsabilidades dos leigos na situação portuguesa.*
- *Pede-se que em todas as reuniões da Acção Católica seja recitado a oração composta pelo Santo Padre pelas intenções dos apóstolos leigos.*
- *Está projectado uma semana (8-15 de Junho) de preparação imediata do Congresso em que, com base nos resultados dos inquéritos, se estudarão alguns dos problemas postos ao apostolado dos leigos em Portugal.*
- *Na semana preparatória do Congresso falará o Secretário Geral do Comité Permanente, Prof. Veronese.*

o artista cristão na sociedade moderna

pele Arquitecto António Freitas Leal

O fenómeno artistico e os problemas por ele postos não são de modo algum, na sociedade actual, questões supérfluas.

Se por um lado, alguns pensadores contemporâneos admitem a falência da arte, outros justificam-na exclusivamente em

necessidade de revisão dos valores que caracteriza a actual geração — geração que põe em dúvida todos os valores, mesmo os consagrados há muito.

Assim, é a própria geração chamada a construir uma sociedade nova que chega a contestar o papel da arte nessa sociedade.

E, talvez, por esta razão, a cultura deste periodo apparece-nos desintegrada, ou melhor, realizando o seu processo de integração.

Mas como a averiguação das causas desta crise não é do âmbito deste artigo, passemos a analisar o verdadeiro lugar da arte na sociedade.

Primeiramente temos que o fenómeno artistico se verifica no campo da cultura, na medida em que a arte é uma expressão desta. E não é apenas como «deleite do espirito» ou como «luxo de civilização» que



Arte Industânica — Séc. VII

devemos ver a obra da arte, mas como actividade de espirito que realiza uma síntese do conhecimento, ou melhor, expressa uma atitude do homem perante a vida de uma forma intuitiva e global.

Mas essa mesma atitude do homem perante a vida investe a criação artistica numa dupla valência: sendo reflexo da cultura dos homens que a produzem, a obra de arte tem simultaneamente um papel dinâmico — actua sobre a própria cultura. Isto é, dirige-se aos homens de uma sociedade, assumindo-os na sua linguagem através de uma simbólica que lhes diz respeito e pela qual lhes comunica a visão unitária da realidade — não tomamos aqui «realidade» no sentido pleno (toda a realidade) mas, apenas, um aspecto da realidade que se apresenta com mais acuidade num determinado momento histórico.

O nosso tempo vive intensamente um clima de «liquidação»



Renascimento Francês
Séc. XV

termos de utilidade prática o que equivale a esterilizar as fontes da criação artistica, como se verifica na estética socialista soviética.

Mas mesmo para os que não põem este problema no plano filosófico é idêntica a dúvida formulada no seu íntimo, dúvida que só o pudor impede de exteriorizar: Para que serve a arte?

Creio que é justa a interrogação. De facto não é só ao pragmatismo informador da mentalidade corrente que devemos pedir contas, mas também à



Arte Suméria
Séc. XVI (?) A.C.

de um ciclo histórico e prepara, numa atmosfera de expectativa, a construção de uma sociedade Nova (1). É esse o motivo por que a arte do nosso tempo nos aparece realizando intensamente o seu processo de integração. Verificando a caducidade das velhas formas, absolutamente esgotadas de sentido, os artistas de hoje lançam-se numa desenfreada procura de rumos, em aparente anarquia de movimentos artísticos, não hesitando, como no Futurismo italiano, em propor a destruição dos museus (2) ou, como no surrealismo, em recorrer a elementos estranhos à estética, procurando no subconsciente novos temas artísticos. Outros, ainda, propõem uma ascese, levando a arte a procurar os seus verdadeiros valores-base (3).

Quer se trate da Música, da pintura ou do teatro, encontramos sempre esta mesma preocupação de reconstrução em que a sobriedade de processos é a nota dominante.

Procurando uma imagem, esta seria a da árvore que larga as folhas para realizar o grande esforço de rejuvenescimento interior correspondente ao inverno, brotando por fim em plenitude de vida.

Este é esquemáticamente o

panorama da nossa sociedade. Qual será, contudo, a tarefa que cabe ao artista cristão?

Antes de continuar, é indispensável que se esclareça o que entendemos por «Artista Cristão».

Vulgarmente incorre-se no erro de dissociar os dois termos *artista cristão* e temos: por um lado o cristão que é praticante mas cujas manifestações artísticas são alheias, e por vezes, contraditórias, ao espírito do cristianismo. Isto é, mantém em compartimentos estanques a sua fé e a sua vida. Mas já não falando do cristão (religioso ou leigo) que se projõe ser artista sem um mínimo de condições, temos ainda a considerar o artista indiferente ao problema religioso, que faz arte em temas cristãos onde estes temas são tratados como poderiam ser outros quaisquer, com a diferença de (u) : que elas exigem «espiritualidade»; e então alongam-se as figuras, as mãos, o pescoço, etc., para que se sinta a «espiritualidade» que se lhes quer infundir... de fora.

Verdadeiramente o Artista Cristão é um cristão integral com vocação artística, mas onde a sua profissão de fé corresponde a uma vida toda — o cristianismo nele não é qualquer coisa

que «se veste ao domingo», é uma verdadeira fé... com obras!

Ora um artista é aquele que consegue comunicar aos outros homens a sua visão do mundo e das coisas; o homem que é chamado a exprimir a sua realidade interior na linguagem da arte.

É ao artista cristão que cabe realizar a grande tarefa da nossa geração.

O primeiro aspecto será destruir os «tabus» que se opõem à criação: o falso conceito de personalidade e de originalidade; procurar o verdadeiro sentido da Tradição — que é o elemento indispensável a uma maior exigência; expulsar o odioso espírito do mercantilismo e da baixa intriga que domina ainda no meio dos artistas... em resumo, transportar, para este meio, as virtudes cristãs pelo exemplo da sua vida.

Mais simultaneamente, como artista, o cristão deve empenhar-se em revelar o seu mundo interior aos homens do seu tempo. Inserir-se na sua época, pressentir e viver a angústia dos seus contemporâneos, para melhor lhes transmitir a sua realidade que é a única realidade — Deus — pois, de facto, Nele vivemos, Nele nos movemos e Nele existimos.

- (1) Berdiaeff — Un Nouveau Moyen Age
R. Guardini — Au Seuil de la Nouvelle Epoque.
(2) Marinetti — Manifesto Futurista
(3) Paul Klee — Le peinture Moderne



JOSÉ RÉGIO

É relativamente fácil a descoberta do princípio orientador da obra de José Régio. É isto porque a aparente multiplicidade de que ela se reveste se não sobrepõe, de modo algum, à unidade real que lhe confere a sua estruturação, a partir de uma linha de pensamento bem definida. Ensaio e romance, teatro e poesia, conquanto pressupondo certas diferenças impostas pelas exigências de cada género literário, radicam, em última análise numa preocupação evidente de captar o drama do homem dos nossos dias.

Já, em 1925, ao definir o fio condutor do movimento literário empreendido pela revista «Presença», de que foi director, Régio aludia com frequência à necessidade de substituir as formas estereotipadas da literatura vigente por outras mais conformes à transformação das inquietações do homem contemporâneo.

O romance «Jogo da Cabra Cega», publicado em 1933, traduz da parte do escritor uma intenção nítida de concretizar em realizações os princípios anteriormente expostos. Na literatura introspectiva de Proust e Joyce situados ambos numa corrente de pensamento cujo ponto de partida remonta a Dostoiewsky, encontra Régio a única solução que se lhe afigura com possibilidades de corresponder à sua intenção de captar, na obra de arte, a complexidade da alma humana. Utilizando uma auto-análise que chega a ser doentia, o protagonista descobre em si um conjunto de tendências recalçadas que o surto de determinados acontecimentos de carácter esporádico transpõe do subconsciente para o plano da consciência. As personagens secundárias incarnam os vários princípios que, alternada ou simultaneamente, o solicitam. O facto de se tratar de um romance de

carácter autobiográfico e de ser a tendência introspectiva o traço fundamental do protagonista desperta-nos imediatamente para a certeza de nos encontrarmos perante uma obra cujo intuito de compreensão do homem só é realizado na medida em que a experiência pessoal que o escritor nos transmite se pode identificar com uma experiência semelhante feita por todos os outros homens. Mas, essa identidade, é o leitor quem, reflectindo, a descobre e não o autor quem procura evidenciá-la. Conhecer a realidade humana significa, para Régio, tomar consciência do que em si próprio se passa e nunca mergulhar no íntimo dos que o rodeiam.

Ora, o que é verdade para o romance e para o teatro, é-o, muito particularmente, para a poesia. Esta resulta fundamentalmente de uma reflexão sobre os valores que definem o ser autor. Vale na medida em que é transmissão de um conflito pessoal, de um drama íntimo que o poeta não conseguiu resolver. Conflito entre os dois seres antagónicos e inconciliáveis que nele se debatem: o cidadão do mundo e o poeta. Drama resultante da frustração de todas as tentativas feitas no sentido de «ser como toda a gente».

Ah!, eu sei!
Sei que ninguém compreendeu,
Nem podia compreender
O meu combate de amor:
Este diálogo entre mim e eu.

E arrumado para um canto,
Como o piano
Gozo complicadamente
A glória de ser vencido,
Gritando, ao meu tal Demente,
Lá no seu fundo escondido:

«Venceste porque és maior!
«Porque tinhas de vencer!
«Porque eu sou fraco,
«Pois que te não posso ter
«Calado no teu buraco!

«Eu, afinal,
«Sou uma triste mistura
«De ousadia e cobardia,
«Sou tu e eu...
«Sou banal!
«Nem sou pele nem carne viva,
«Não sei subjugar nenhum,
«Pedaco de alternativa,
«Nunca me atinjo só um!»

Como implicação imediata desta atitude egocêntrica, surge na obra de Régio o divórcio entre o poeta e o mundo que o rodeia. Mais do que uma recusa, existe da parte do autor uma impossibilidade de vida em comum, uma certeza de que só renunciando à realização de muitas das suas possibilidades lhe será permitido igualar-se aos outros homens. Muitas vezes, o poeta esforça-se desesperadamente por conseguir essa identidade:

— «Ser como esta gente!
«Ser bem menos gente!
«Ser mais toda-a-gente
«Que toda esta gente!»

Outras vezes, porém, a sua atitude é de afirmação de uma incapacidade de adaptação ao mundo em que vive:

Sou de longe e vim de longe,
Para longe é que me vou...
Eis a profunda certeza
Que o andar cá me ensinou.
Por que me atirais carregos
Que o mundo vos atirou?
São vossos..., pois vós sois deles!
Mas não são meus, que o não sou!

Conquanto fortemente acentuada, a presença de Deus, na obra de Régio, não se reflecte num encontro com os outros

homens. Deus surge, algumas vezes, como força motivadora da obra artística, muitas outras como o Criador manifestando os seus direitos sobre a critura (1).

Porque O Ama e porque se reconhece miserável sem a Sua graça, o poeta subordina-se-lhe e curva-se às Suas exigências. Por amor d'Ele, aceita e valoriza o sofrimento. Para O Servir, renuncia aos outros e a si próprio:

Arredar tudo, todos,
Por cada qual, por si,
Dos que mais amo dos humanos modos,
— O amar só em Ti.

Recusar-me a viver dos usos cá do mundo,
Vivendo muito embora,
Lázaro morto lá no fundo,
Vivo cá fora!

Desagregar em Ti toda a pessoalidade
Do ser que sou, distinto,
Sabendo que só Tu é que és verdade,
E que eu só minto!
Por este preço é que me quererás?
É, ou não é?
Se é, dá-me a Tua imensa mão? verás
Que até parado vou pelo meu pé.

Mensagem de um Cristianismo incompleto, na medida em que o poeta esquece muitos dos aspectos que o caracterizam — a alegria que resulta da certeza, o amor ao próximo em quem se descobre Cristo. Mas, de qualquer modo, preocupação de acentuar a dependência do homem em relação a Deus e de valorizar as atitudes de aceitação da Sua vontade:

«Nada esperar! e ter
Por um magno favor
Toda a migalha que vier
Do Teu amor.

Maria Idalina Pereira

(1) Vincamos aqui, apenas, um aspecto das implicações religiosas da obra de Régio, sem pretendermos fazer um juízo completo, sobretudo em volumes que merecem sérias reservas.



Dois Notáveis Documentos

Mensagem do Natal de Pio XII

A grande contradição do nosso tempo

... «Pesa sobre a humanidade do século XX uma flagrante contradição, que fere o seu orgulho: por um lado, a esperança confiada do homem moderno, artífice e testemunho da «segunda revolução técnica», de poder criar um mundo abundante de bens e de obras, livre da pobreza e da incerteza; por outro, a amarga realidade de largos anos de luto e de ruínas com o conseqüente temor, agravado nestes últimos meses, de não poder alcançar tão pouco, o fundamento de um modesto princípio de harmonia duradoura e de paz.

Algo há que não funciona devidamente no complexo sistema da vida moderna; um erro essencial corroi-o, radicalmente. Onde se esconde esse erro? Como e quem o pode corrigir? Numa palavra, chegará o homem moderno a superar, sobretudo dentro de si mesmo, esta contradição que o atormenta, da qual é autor e vítima?

O cristão tem como certo que poderá vencê-la, permanentemente firme no terreno da natureza e da fé, por meio de uma animosa e prudente revisão de valores em questão, e, principalmente, dos interiores. O seu realismo, que se estende sobre todo o Universo e não desdenha

da experiência do passado, persuade-o de que os cristãos de hoje não se acham em condições mais desfavoráveis do que os seus antepassados, os quais chegaram a superar, com a fé, as contradições da sua época. Encontram-se plenamente convencidos de que *a actual dificuldade constitui a prova da profunda fractura entre a vida e a Fé cristã e de que é necessário sanar este mal a todo o custo*.

O retorno da humanidade aos caminhos de Deus

... «O homem da «segunda revolução técnica» não pode repudiar o apelo de Deus sem aumentar a contradição e as suas conseqüências. O convite à Verdade e a promessa da «paz na terra» é, também, para ele. Prostrado em adoração perante o berço do Homem-Deus, conhecerá a Verdade total e, por conseqüência, a harmonia do seu universo. Do Filho de Deus feito Homem, reconhecerá, certamente, a dignidade da natureza humana, mas também a sua limitação: compreenderá que o sentido profundo da vida humana não repousa em fórmulas calculadas ou em leis, mas sim na obra livre do Criador; convencer-se-á de que só, então, possuirá verdadeiramente «luz» e

«vida», quando se unir a algo absoluto, à Verdade que em Belém, pela primeira vez brilhou em toda a sua plenitude».

As estruturas temporais e a crise do mundo de hoje

... «O Estado e a sua forma dependem do carácter moral dos cidadãos, especialmente hoje, quando o Estado moderno, no alto sentimento das possibilidades técnicas e organizadoras, tende desgraçadamente a deixar ao indivíduo, através das instituições públicas, o pensamento e a responsabilidade da sua vida. Uma democracia moderna, assim constituída, tem de fracassar, desde o momento em que já não atende, ou não pode atender, à responsabilidade moral de cada um dos cidadãos. Porém, ainda que quisesse, não estaria em situação de o fazer com positivo resultado, porque não encontraria resposta, onde o sentido de verdadeira

realidade do homem, a consciência da dignidade da natureza humana e das suas limitações não têm eco no povo. Trata-se de reparar, empreendendo grandes reformas institucionais, não raro de dimensões demasiado amplas ou levantadas sobre falsos fundamentos; mas *a reforma das instituições não é tão urgente como a dos costumes*, a qual, por sua vez, não pode ser levada a cabo senão na base da verdadeira realidade do homem, que se prende com a religiosa humildade perante a gruta de Belém. Ainda na vida dos Estados, a força e a debilidade moral dos homens, os pecados e a graça têm uma influência definitiva. *A política do século XX não pode ignorar, nem tolerar que se insista no erro de querer separar o Estado da religião, em nome de um laicismo que não tem podido ver justificado pelos factos».*

(Da Mensagem de Natal do Santo Padre)

Discurso de S. Eminência o Cardeal Patriarca sobre «A situação da Igreja em Portugal»

Igreja e Estado — Os regimes de separação e os erros do laicismo

... «O que exige o princípio da separação é que se não confundam as esferas de competência dos dois poderes; que o Estado se não intrometa na vida própria da Igreja, assumindo uma missão religiosa ou anti-religiosa, e que a Igreja se não intrometa na vida do Estado, sacretizando a acção política, seja para a proteger, seja para a contrariar».

... ..

... «Mas subsistirá ainda o perigo, no espírito de alguns, tocados consciente ou inconscientemente do liberalismo passado, de confundir separação com laicismo.

O laicismo, como ideal político de absoluto desconhecimento do facto religioso da Revelação cristã e do facto nacional da presença da Igreja; como ideal educativo de absoluta abstracção da doutrina e da moral religiosas; como ideal de absoluto alheamento oficial de tudo o que diga respeito à vida religiosa da Nação, não garantindo à Igreja condições para ela realizar a sua missão espiritual; esse laicismo, que se propõe organizar o Estado e a educação e a vida social como se Cristo não tivesse vindo ao mundo e a Igreja não existisse entre nós a continuar a Sua obra; — esse laicismo já não separa o Estado da Igreja; mata verdadeiramente (ou pretende matar) a Igreja; converte-se ele mesmo numa igreja,



ou melhor, numa anti-Igreja.

No fundo deste laicismo, está a negação da ordem sobrenatural: que o Estado, e a sociedade, e a formação do homem podem organizar-se sem a Igreja, sem Cristo, sem Deus. É radicalmente anti-cristão. E o Estado, que o professe não pode mais dizer-se um Estado moderno na plenitude da sua missão de órgão do bem temporal da Nação; do bem temporal da Nação, faz, também, parte integrante do bem espiritual e moral e religioso. Estado laico, aqui, é o mesmo que Estado anti-cristão. Não está só separado da Igreja; está realmente separado da Nação».

Presença da Igreja na esfera temporal — o apostolado leigo

... «A Igreja, legalmente reconhecida e garantida, é, onde quer que esteja, fundamento e fonte da liberdade. A liberdade espiritual do mundo moderno teve, no facto e na doutrina da distinção do Estado e da Igreja a sua origem e a sua consagração».

... É facto que em toda a parte, onde têm dominado regimes totalitários, tem havido conflito com a Igreja. Nunca nesses regimes teve clima propício a Acção Católica; e, em alguns, foi esta violentamente suprimida.

E isto pode servir de pedra de toque para julgar do espírito que anima o Estado. No regime chamado liberal, opunha-se o Estado às congregações religiosas; nos regimes totalitários do nosso tempo, a oposição vai sobretudo ao apostolado leigo: o espírito é o mesmo; visa

as instituições, onde julga encontrar um cristianismo mais vivo.

Em ambos os casos, a missão espiritual da Igreja ou não é compreendida, ou é temida. Quereriam vê-la reduzida à sacristia, para citar a frase consagrada. Confinada ao interior dos templos, toda entregue às práticas de devoção, e mesmo a um ensino convencional — sem influência na vida social e pública.

O choque violento do fenómeno comunista terá advertido os tímidos. Levantasse ele por toda a parte como um ímpeto épico de fé e de esperança. Satã instalou-se no interior das almas e mobilizou os sentimentos mais profundos do coração humano.

A força do comunismo vem-lhe sobretudo de dentro das consciências — das esperanças desiludidas, das paixões levantadas, das ideias enlouquecidas. Talvez se pudesse só dizer: das consciências des-cristianizadas, que procuram na terra a salvação.

Vem isto para dizer que não será um cristianismo embalsamado, um cristianismo sem fé viva, sem esperança estusiasmática e sem amor ardente, que poderá vencer o comunismo. Satã terá de ser exorcizado pela luz e pela graça de Cristo.

E este cristianismo vivo, entusiasmático, ardente — é o que a Igreja de hoje procura formar nas suas associações de apostolado leigo. Ela sabia já, antes de ensinar os comunistas, que é na prática, na acção, no apostolado, que se forma o cristão, o qual é, pela Confirmação, soldado de Cristo. Sem as associações católicas de formação e conquista, os cristãos de hoje não encontrariam o clima heróico, capaz de os salvar das fortes tentações da mística marxista».

No próximo número :

PROBLEMAS DE UMA NOVA ERA

Hoje 2/3 da humanidade morre de fome.

Será que a energia atômica permite olhar o futuro com otimismo ?

E os católicos que têm com a questão ?



Composto e impresso na
Tipografia CARDIM, LDA.
CASCAIS

Fundação Cuidar o Futuro

Fundação Cuidar o Futuro



Fundação Cuidar o Futuro